

Sinais de Sena: título excelente. Mais ainda que pela feliz aliteração, sobretudo por serem de facto "sinais" de Jorge de Sena que através deste disco nos chegam - como quem diz "sinais de vida" - e por logo essas duas palavras evocarem um dos mais poderosos livros do grande poeta de Metamorfoses - o romance inacabado Sinais de Fogo - o qual, graças ao próprio aparecimento póstumo, foi também uma das primeiras certezas de que Jorge de Sena continua e continuará a emitir os mais significativos "sinais" mesmo depois de morto. E, por outro lado, não se dirá que Sena e Fogo são sinónimos, de tal modo a poesia, a ficção, o teatro e o ensaio de Jorge de Sena aparecem, em grande parte, como o fulgurante resultado dessa permanente combustão interior a que

todo se deu e que tão cedo o consumiu?

Seja como for, o título ainda é o menos diante da completa réussite do próprio disco. Meses após meses, ao longo de mais de um ano, Luís Cília foi seleccionando, não só o que se lhe afigurava especialmente cantabile na produção poética do mestre da Arte de Música, mas também o que dentro desse critério melhor pudesse fornecer uma visão multifacetada de toda a sua obra. Quanto a mim, inteiramente o conseguiu, tanto pelo conjunto dos textos como pela qualidade da interpretação vocal e instrumental de que os dotou.

Obra de pesquisa e de inspiração, de discrição e de audácia, este disco de Luís Cília opera, em meu entender, revolucionárias modificações no que tradicionalmente se crê que deva ser o conúbio entre a poesia e a música, já que a segunda se impõe aqui, antes de mais, como envolvente atmosfera da primeira - ou, por outras palavras, já

que a poesia nunca se vê aqui "sacrificada" aos costumados propósitos totalitários do ritmo ou da melodia musicais, antes se manifestando, por meio de uma dicção fidedigna, em todo o esplendor da sua rigorosa especificidade. E assim a música, neste disco, através de sâbias e arrojadas orquestrações, serve sobretudo de introdução aos textos poéticos, de sugestiva criação de um clima sonoro em que eles passam a ter ainda maior relevo, de ramificada e difusa glosa ~~apoiada~~ às suas múltiplas potencialidades.

Ora dilacerante ora obsessiva, ora provocatória ora apaziguadora, a música de Luís Cília propõe, de poema para poema, a aura ou o halo de um diferente estado de espírito, enquanto pelo contrário a voz de Luís Cília se mantém deliberadamente naquela zona de fidelidade que é uma forma de pudor, naquela aparente penumbra que é o seu modo de valorizar o verbo. O caso extremo de tudo isto é esse desafiador "Hai-Kai" com que termina a segunda face e em

que as palavras, parecendo a princípio dissolver-se no puro som ou tender para o puro silêncio, acabam por triunfar, mercê de uma ofegante repetição. Não bastará ouvi-lo uma vez só; nem esse nem os restantes nove trechos que compõem o disco.

Claro que não se trata de um disco fácil. Do mesmo modo que jamais se mostra fácil a poesia de Jorge de Sena. E é altura para acrescentarmos: felizmente. Felizmente em ambos os casos.

Lisboa, Outubro de 1985



David Mourão-Ferreira